



ACADÊMICOS DE MEDICINA E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O HIV E A AIDS: ESTUDO NACIONAL

DIEGO DA SILVA MACEDO TAVERNARD; LUIZ ELEOSMAR ALENCAR DE ALMEIDA JUNIOR; KELVEN RIBEIRO GURJÃO; ÍTALO VERAS DE SOUSA; LUCAS JOSÉ SIMÃO; ANTÔNIO ARMANDO ROCHA FILHO; CARLOS MING-WAU.

RESUMO

INTRODUÇÃO: A infecção pelo HIV e a enfermidade AIDS ainda são alvo de estigmas e preconceitos profundos, os quais afetam de maneira direta a qualidade de vida dos indivíduos acometidos. Esta pesquisa sublinha a relevância de abordar acadêmicos de medicina, futuros profissionais da saúde, acerca do que pensam ser o HIV/AIDS. **OBJETIVO:** analisar as representações sociais de acadêmicos de medicina de universidades brasileiras quando pensam na palavra “HIV/AIDS”. **METODOLOGIA:** A abordagem metodológica adotada consistiu em uma pesquisa qualitativa com 55 estudantes de medicina de instituições brasileiras, os quais foram submetidos, a partir da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), a responder esta pergunta em um forms online: “quais as cinco primeiras palavras que vêm à sua mente quando você pensa em HIV/AIDS?”. Os resultados foram analisados com o auxílio do software Iramuteq e explorados por meio da análise de conteúdo temática. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O corpus total das evocações foi 275 palavras (100%). Foram analisadas as evocações com frequência igual ou superior a 3 que totalizaram 64,36% do corpus (N=177). Foram excluídas 98 evocações do corpus total (35,64%). Os achados revelaram uma predominância de termos associados aos aspectos biomédicos e preventivos da enfermidade, como “prevenção (N=15)”, “doença (N=15)” e “tratamento (N=11)”, ao mesmo tempo em que evidenciaram preocupações sociais como “preconceito (N=10)” e “estigma (N=6)” e questões culturais, ao mencionarem “Cazuza (N=3)”, artista brasileiro que com morreu por conta dessa enfermidade. A combinação de termos biomédicos, emocionais e culturais nas evocações dos estudantes sugere uma abordagem abrangente e humanizada ao HIV/AIDS, que é fundamental para o atendimento integral e eficaz a pessoas que vivem com essa condição. **CONCLUSÃO:** Embora os estudantes possuam um conhecimento técnico robusto, ainda se deparam com barreiras emocionais ligadas ao medo e à ideia de incurabilidade do HIV. Assim, é imperativo incorporar elementos humanísticos na educação médica, visando um atendimento que seja tanto mais empático quanto mais eficiente.

Palavras-chave: HIV; AIDS; Estigma; Formação médica; Representações sociais.

1 INTRODUÇÃO

A infecção pelo HIV e a enfermidade AIDS ainda são alvo de estigmas e preconceitos profundos, os quais afetam de maneira direta a qualidade de vida dos indivíduos acometidos. O estigma vinculado ao HIV pode resultar em discriminação, dificultando o acesso a serviços de saúde e a adesão ao tratamento. Tal fenômeno é frequentemente alimentado por informações incorretas e estereótipos que sustentam a falsa ideia de que as pessoas que vivem com HIV são

responsáveis por sua condição, o que é uma inverdade. A carência de educação acerca da transmissão e prevenção do vírus contribui para a perpetuação desses estigmas, amplamente difundidos na sociedade, sendo chamados de “sorofobia” (Joaquim et al., 2024).

No âmbito da medicina, a formação dos profissionais de saúde desempenha um papel fundamental na desconstrução de preconceitos. Pesquisas demonstram que médicos e enfermeiros, em muitas ocasiões, apresentam percepções distorcidas sobre o HIV, o que pode comprometer a qualidade do atendimento oferecido (Joaquim et al., 2024). A ausência de empatia e compreensão pode culminar em experiências adversas para os pacientes, levando-os a hesitar pela busca de assistência (Santos et al., 2021). Assim, é imprescindível que as instituições de saúde realizem capacitações e iniciativas de conscientização, visando preparar os profissionais para abordar a temática de maneira mais humanizada.

Ademais, a imprensa exerce uma função significativa na formação da percepção pública acerca do HIV/AIDS. Reportagens sensacionalistas e retratações desfavoráveis em filmes e séries podem reforçar estigmas, dificultando a aceitação social das pessoas que vivem com o vírus (Avancini, 2015). Uma abordagem mais ética e informativa poderia auxiliar na desmistificação do HIV e na promoção de uma sociedade mais inclusiva. A batalha contra os estigmas e preconceitos associados ao HIV/AIDS demanda um esforço colaborativo entre profissionais de saúde, veículos de comunicação e a sociedade civil.

A disseminação consciente de informações constitui instrumento fundamental para alterar a percepção social e assegurar que indivíduos que vivem com HIV/AIDS tenham acesso a cuidados adequados e dignos. A realização de campanhas de conscientização, assim como a incorporação de tópicos relacionados ao HIV nos currículos acadêmicos, principalmente nos cursos de medicina, representa um passo crucial na criação de um ambiente mais inclusivo e isento de discriminação, proposta já elencada pelas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Medicina publicada em 2014.

A comunicação se configura como um elemento fundamental na formação de alunos de medicina no que diz respeito ao HIV/AIDS. É vital investir em métodos que incentivem a troca de informações e vivências, pois isso é determinante para a capacitação de profissionais que sejam tanto competentes quanto empáticos (Santos et al., 2021). Destacamos que também é importante que as percepções de acadêmicos de medicina sobre o HIV/AIDS sejam compreendidas, aqui analisadas a partir de referencial teórico das representações sociais.

As representações sociais funcionam como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, determinando seus comportamentos e suas práticas, além de um conjunto de antecipações e expectativas. Formam

parte do sistema de conhecimento ordinário dos indivíduos, sendo compreendidas por um conjunto de crenças, imagens, metáforas e símbolos, com significação cultural própria sobrevivendo, independentemente das experiências individuais (Moscovici, 2003).

Nesse contexto de construção de significados, opiniões, crenças e atitudes com relação à condição de soropositividade, torna-se relevante a interpretação das representações sociais sobre a doença. Assim, este texto tem o objetivo de analisar as representações sociais de acadêmicos de medicina de universidades brasileiras quando pensam na palavra HIV/AIDS.

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio da internet com o interesse de compreender como acadêmicos de medicina entendem o HIV/AIDS sem a pretensão de generalizar os resultados obtidos, uma das principais características desse tipo de investigação (Minayo, 2017). Toma e Hancock (2012) argumentam que pesquisas realizadas por meio da internet proporcionam segurança e anonimato quanto às suas respostas, o que favorece aos estudantes escreverem livremente suas respostas com mais honestidade.

Utilizamos a Técnica de Associação Livre de Palavras [TALP] para examinar as representações sociais dos estudantes de medicina sobre o HIV/AIDS. Essa abordagem permite a investigação de conexões espontâneas dos participantes, fornecendo uma maneira indireta de acessar seus pensamentos e emoções sobre o assunto em questão. Para a coleta de dados, os participantes receberam o estímulo “HIV/AIDS” e foram solicitados a listar as cinco primeiras palavras ou expressões que vieram à mente em resposta a ele. O motivo pelo qual a técnica foi escolhida foi porque é capaz de revelar o conteúdo subjacente do pensamento, bem como as redes semânticas que se formaram em torno do assunto, permitindo uma análise qualitativa das representações sociais (Abric, 2001). O TALP é um instrumento qualitativo e projetivo que permite que essas formas de conhecimento sejam evocadas e construam um repertório conceitual que evidencie os universos semânticos do tema investigado (Coutinho; Do-Bú, 2017). O TALP tinha como estímulo indutor das evocações esta pergunta: “quais as cinco primeiras palavras que vêm à sua mente quando você pensa em HIV/AIDS?”.

Os participantes foram 55 alunos de faculdades de medicina espalhadas pelo Brasil, representadas pelos estados do Ceará, Minas Gerais, Tocantins, Pará, Belo Horizonte, Rio Grande do Norte. Para coletar as respostas dos participantes, foram enviados, em grupos de WhatsApp, o link do forms da pesquisa. Por se tratar de uma amostra não-probabilística e intencional, não foram estratificadas as universidades participantes, sendo o forms enviado aleatoriamente pelos pesquisadores em grupos de várias instituições brasileiras. Na primeira

tela do forms, o participante lia o convite da pesquisa tendo as opções de marcar “sim” ou “não” para prosseguir. Ao marcar “sim”, foi mostrado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [TCLE] com a opções de aceitar ou recusar dar continuidade. A próxima tela continha o registro de suas informações pessoais como nome, idade, universidade/faculdade e cidade. Por fim, a tela na qual escreveram as cinco evocações sobre o HIV/AIDS.

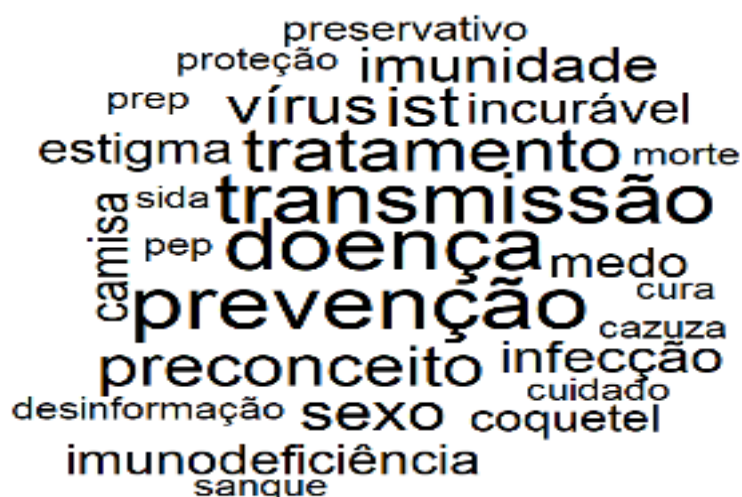
Para analisar as evocações obtidas no TALP, utilizamos a análise de conteúdo temática que consistiu na organização dos termos conforme suas proximidades conceituais. Braun e Clarke (2022) sugerem que a análise temática é favorável na interpretação qualitativa de temas relacionados à saúde, nesse caso, associado à formação médica. Seguimos as etapas descritas por Bardin (1977) para analisar o corpus de evocações obtido no estudo a partir de suas frequências, ou seja, da quantidade de vezes que se repetem. Foram estas etapas: 1) pré-análise – leitura exaustiva do material e seleção da frequência de repetições; 2) análise do material – organização e aproximação das evocações por temas; e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

No que refere aos aspectos éticos, esta pesquisa se ampara na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata de estudos em Ciências Humanas e Sociais que envolvem seres humanos. O CAAE do protocolo ético é 83908924.8.0000.0335, sob a guarda do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Estácio de Canindé.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do TALP levou em consideração o corpus de evocações obtido com as respostas dos acadêmicos de medicina das universidades brasileiras, composto de 275 (100%) palavras que demonstram as suas representações sociais do HIV/AIDS. Para interpretar os significados das evocações, o corpus final foi composto por palavras com frequência maior ou igual a 3 (N=177) que sumarizam 64,36% do corpus total. As evocações com frequência igual ou inferior a 2 totalizaram 35,64% do corpus (N=35,64). Essa escolha estatística foi eleita a partir do software Iramuteq [*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*], programa que realiza análises qualitativas de corpus textuais (Souza et al., 2018). A partir do Iramuteq, foi confeccionada uma nuvem de palavras que sintetiza as evocações obtidas no TALP.

Figura 1 – Nuvem de palavras



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

A figura 1 ilustra as associações mais frequentes feitas pelos estudantes de medicina em relação ao HIV/AIDS. Esses dados permitem uma visualização clara das palavras que emergem nos discursos dos estudantes quando são submetidos a pensar nesse estímulo indutor. A análise dessas associações oferece uma visão valiosa sobre como futuros profissionais de saúde percebem o HIV/AIDS, integrando aspectos médicos e sociais em suas representações.

A análise das palavras mais frequentemente associadas ao HIV/AIDS pelos 55 estudantes de medicina revela uma ênfase nos aspectos biomédicos e preventivos da doença, com termos como “prevenção (N=15)” e “doença (N=15)” sendo as mais citadas e que estão no centro da nuvem de palavras.

A prevenção, aqui reconhecida também pela evocação “cuidado (N=3)” é uma das principais abordagens para o controle do HIV/AIDS. Métodos como o uso de preservativos, o tratamento como prevenção (TasP), a profilaxia pré-exposição (PrEP) e profilaxia pós-exposição (PEP) são amplamente promovidos em protocolos de saúde pública e reforçados na formação médica. Isso justifica a alta frequência do termo “prevenção” nas associações dos estudantes, que reconhecem a importância dessas estratégias no combate à disseminação do vírus (Matos et al., 2021).

A inclusão desse conhecimento no currículo médico provavelmente contribui para a forte associação dos estudantes entre HIV/AIDS e prevenção. A associação ao termo “doença” e às evocações “imunidade (N=8)”, “infecção (N=7)”, “imunodeficiência (N=6)”, “cura (N=3)” e “SIDA [Síndrome da Imunodeficiência Adquirida] (N=3)”, refletem o entendimento fundamental de que o HIV, apesar de ser controlado com medicamentos, ainda é uma infecção

crônica com implicações sérias para a saúde. O HIV afeta o sistema imunológico, particularmente as células T CD4+, enfraquecendo a capacidade do corpo de combater infecções e certos tipos de câncer. Isso faz com que os estudantes, ao pensarem em HIV, também o associem diretamente ao conceito de “doença”.

As evocações como “transmissão (N=14)”, “tratamento (N=11)”, “IST [Infecção Sexualmente Transmissível (N=10)”, “vírus (N=9)”, “sexo (N=9)” e “sangue (N=3)” indicam um foco no controle da disseminação e na natureza infecciosa do HIV, reforçando uma visão técnico-científica. O termo “transmissão” é frequentemente associado à forma como o HIV é propagado entre indivíduos. O HIV é transmitido principalmente por meio de fluidos corporais como sangue, sêmen, secreções vaginais e leite materno, sendo o sexo desprotegido uma das vias mais comuns de disseminação. A transmissão sexual também relaciona o HIV às Infecções Sexualmente Transmissíveis [ISTs], uma vez que a presença de ISTs, como sífilis ou gonorréia, pode aumentar a suscetibilidade à infecção pelo HIV ao comprometer as barreiras mucosas naturais e facilitar a entrada do vírus (Cohen et al., 2019).

Além disso, termos como “preconceito (N=10)” e “estigma (N=6)” destacam o reconhecimento do impacto social e da discriminação enfrentada por pessoas que vivem com HIV/AIDS. O estigma e o preconceito relacionados ao HIV/AIDS tem sido amplamente documentado desde o início da epidemia. Ele se refere às atitudes negativas, à discriminação e à exclusão social enfrentadas por pessoas que vivem com HIV, muitas vezes associadas a preconceitos sobre a transmissão da doença e a moralidade de comportamentos sexuais (Bezerra et al., 2018). O estigma é frequentemente ligado a falsas suposições sobre grupos específicos de risco, como homens que fazem sexo com homens, usuários de drogas injetáveis e trabalhadores do sexo, o que reforça sua marginalização (Joaquim et al., 2024).

Elementos emocionais como “medo (N=6)”, “incurável (N=6)”, “morte (N=3)”, “desinformação (N=3)” apontam para percepções relacionadas à gravidade da doença. Referências ao tratamento, com as evocações de “coquetel (N=5)”, e à prevenção com “camisa [camisinha] (N=6)”, “preservativo (N=4)”, “PrEP [Profilaxia Pré-Exposição] (N=3)”, “PEP [Profilaxia Pós-Exposição] (N=3)”, “proteção (N=3)”, mostram uma conscientização sobre as estratégias de manejo. Essas estratégias refletem a medicina preventiva e a educação em saúde pública que fazem parte do currículo médico, promovendo uma abordagem ampla para reduzir a transmissão do HIV.

O termo “Cazuza (N=13)” destaca o impacto cultural da epidemia de HIV/AIDS no Brasil, uma vez que o cantor e compositor brasileiro Cazuza foi uma das figuras públicas mais conhecidas a morrer de complicações relacionadas à AIDS. A menção a Cazuza demonstra que

os estudantes estão cientes de como o HIV/AIDS influenciou o cenário social e cultural no país, contribuindo para a conscientização e luta contra o estigma.

A combinação de termos biomédicos, emocionais e culturais nas evocações dos estudantes sugere uma abordagem abrangente e humanizada ao HIV/AIDS, que é fundamental para o atendimento integral e eficaz a pessoas que vivem com essa condição. Ao integrar o conhecimento técnico com a conscientização sobre questões sociais e emocionais, esses futuros profissionais de saúde estão mais preparados para enfrentar os desafios que o HIV/AIDS impõe, promovendo o cuidado livre de estigma e apoio à saúde integral dos pacientes.

4 CONCLUSÃO

A análise sobre as representações sociais do HIV/AIDS entre estudantes de medicina revela aspectos fundamentais para o futuro da prática médica e da saúde pública. O panorama revelado pela pesquisa demonstra uma dualidade significativa na formação médica atual. Por um lado, existe um sólido conhecimento técnico-científico, evidenciado pela predominância de termos como “prevenção”, “tratamento” e “transmissão”. Por outro lado, há uma crescente consciência sobre os aspectos psicossociais da doença, manifestada através de associações com palavras como “preconceito” e “estigma”.

Houve a persistência de termos relacionados ao medo e à incurabilidade o que indica que ainda existem barreiras emocionais e conceituais a serem superadas na formação médica. Isso aponta para a necessidade urgente de uma abordagem educacional mais integrada, que combine competência técnica com sensibilidade humana.

O caminho para uma formação médica mais completa em relação ao HIV/AIDS deve incluir a integração sistemática de aspectos humanísticos ao currículo médico. O desenvolvimento de competências em comunicação e empatia e o combate contínuo aos estigmas e preconceitos através da educação.

A transformação das representações sociais do HIV/AIDS no meio médico requer um esforço conjunto que vai além da mera transmissão de conhecimentos técnicos. É fundamental promover uma formação que prepare os futuros médicos para oferecer um cuidado verdadeiramente integral, combinando excelência técnica com profunda compreensão das dimensões humanas e sociais da doença.

Em síntese, a luta contra os estigmas e preconceitos vinculados ao HIV/AIDS configura-se como uma questão de saúde pública que requer atenção e ação efetivas. A superação desses obstáculos não apenas eleva a qualidade de vida das pessoas afetadas, mas também fortalece a busca por direitos e igualdade. Assim, é vital que todos os segmentos da

sociedade se mobilizem para promover uma transformação significativa na maneira como o HIV/AIDS é percebido e tratado, assegurando dignidade e respeito a todos os indivíduos.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. O estudo experimental das representações sociais. In D. Jodelet (Ed.), **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

AVANCINI, M. M. Jovens e a mídia brasileira na prevenção de DST/AIDS e hepatites virais. **Ciência e Cultura**, v. 67, n. 4, p. 1-2, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEZERRA, E. O. et al. Análise estrutural das representações sociais sobre a AIDS entre pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 27, n. 2, p. e6200015, 2018.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

COHEN, M. S. et al. Sexually transmitted infections and HIV risk: Reinvigorating the fight against the syndemic. **Journal of the International AIDS Society**, v. 6, n. 6, e25355, 2019.

COUTINHO, M. P. L.; DO-BÚ, E. A. A técnica de associação livre de palavras sobre o prisma do software tri-deux-mots (version 5.2). **Revista Campo do Saber**, v. 3, n. 1, 2017.

JOAQUIM, J. S. et al. Sorofobia relacionada ao HIV e à Aids: o que se debate nas redes sociais digitais no Brasil? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 5, e05032023, 2024.

MATOS, M. C. B. et al. Knowledge of health students about prophylaxis pre and post exposure to HIV. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, p. e20190445, 2021.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In S. Moscovici, **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTOS, É. E. P. DOS . et al. Comunicação do diagnóstico de infecção pelo HIV: experiência de jovens. **Revista Bioética**, v. 29, n. 4, p. 867–879, out. 2021.

SOUZA, M. A. R et al. The use of IRAMUTEQ software for data analysis in qualitative research. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 52, e03353, 2018.

TOMA, C. L.; HANCOCK, J. T. What Lies Beneath: The Linguistic Traces of Deception in Online Dating Profiles. **Journal of Communication**, v. 62, p. 78-97, 2012.